

Espaços de coexistência, identidade de pessoas pretas e representações visuais

Maria Ogécia Drigo

Docente do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura e do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Sorocaba (Uniso).

E-mail: maria.drigo@prof.uniso.br

Luciana Coutinho Pagliarini de Souza

Docente do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura da Universidade de Sorocaba (Uniso).

E-mail: luciana.souza@prof.uniso.br

Maria Alzira de Almeida Pimenta

Docente do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura e do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Sorocaba (Uniso).

E-mail: maria.pimenta@prof.uniso.br

Resumo: Visando contribuir para a compreensão do potencial de representações visuais para gerar espaços de convivência com o outro e mostrar facetas do processo de construção da identidade de pessoas pretas, apresentamos resultados de pesquisa que trata da alteridade em relação a representações visuais em livros didáticos do ensino fundamental. Apresentamos definições e classificações de signos na perspectiva da semiótica peirceana; assim como reflexões sobre a razão negra, na perspectiva de Mbembe, e análises de representações visuais extraídas de livros de Geografia inseridos na amostra da pesquisa. Valendo-nos da semiótica peirceana,

Abstract: To contribute to the understanding of how visual representations can generate spaces for coexistence with the other and for showing facets of the process of construction of the identity of black people, we present research results that deal with otherness relating to visual representations in elementary school textbooks. We present definitions and classifications of signs, from the perspective of Peirce's semiotics; as well as reflections on black reason, according to Mbembe, and analyzes of visual representations extracted from Geography books included in the research sample. Making use of Peirce's semiotics,

buscamos identificar em tais representações visuais o posicionamento em relação ao outro e a gradação entre xenofobia e xenofilia, bem como verificar se elas se reportam a facetas do processo de construção da identidade de pessoas pretas, tal como propõe Mbembe.

Palavras-chave: comunicação/educação; comunicação visual; representações visuais; alteridade; livro didático

we seek to identify in such visual representations the positioning in relation to the other and the gradation between xenophobia and xenophilia, as well as verifying whether they relate to facets of the identity construction process of black people, as proposed by Mbembe.

Keywords: communication/education; visual communication; visual representation; alterity; textbook.

1. INTRODUÇÃO

Este artigo apresenta resultados de uma pesquisa em desenvolvimento que tem como objeto de estudo o potencial de significados de representações visuais em livros didáticos vinculados à alteridade. O livro didático e seu compósito de imagens aproxima comunicação e educação: de um lado, dizendo respeito ao plano pedagógico como um auxiliar nas relações de ensino/aprendizagem; e de outro, ao potencial das imagens de produzir significados e comunicar.

Embora a intelectualidade mantenha “um permanente receio sobre o mundo das imagens, ao mesmo tempo em que a ‘cidade das letras’ continua procurando, a todo momento, controlar a imagem, confinando-a de forma maniqueísta ao campo da arte ou ao mundo da aparência enganosa e dos resíduos mágicos”¹, a imagem avança, retorna com força, adentra o ambiente educacional e se instala, introduzindo um novo estatuto cognitivo que desconcerta tradicionais formas de pensar o conhecimento e, acrescentamos, nos conduz a rever nossas concepções sobre cognição e sobre como se dá o próprio pensamento. Nesse contexto, o livro é visto como um meio de comunicação que conjuga as linguagens verbal e visual por valer-se de reproduções visuais – como de fotografias, imagens fílmicas, cartazes, desenhos, esquemas, diagramas, mapas, gráficos, entre outras – e de palavras, construindo assim significados tanto pela própria materialidade das representações visuais como pelas relações que elas constroem com as palavras.

Os discursos verbais e não verbais, as hipertextualidades e as estratégias de interconectividade permitem a representação/construção de valores, conceitos e ideias; permitem também a circulação pelos vários suportes de comunicação que resultam em aberturas para novas formas de ler, compreender, sentir, perceber e produzir², que, sem dúvida, adentram os ambientes educacionais. Com isso, consideramos que se faz necessário desenvolver competência para compreender esse movimento e utilizar adequadamente o potencial dessas modalidades de linguagem.

1. MARTÍN-BARBERO, Jesús. *A comunicação na educação*. São Paulo: Contexto, 2014, p. 104.

2. CITELLI, Adilson. *Comunicação e educação: convergências comunicativas. Comunicação, Mídia e Consumo*, São Paulo, v. 7, n. 19, p. 68-85, 2010.

- Maria Ogécia Drigo, Luciana Coutinho Pagliarini de Souza e Maria Alzira de Almeida Pimenta

Sendo assim, delineou-se o objetivo de verificar se os livros didáticos, por meio de imagens ou representações visuais, contribuem para a construção de uma ambiência propícia à vivência com o outro. Dele decorrem os objetivos específicos: explicitar as modalidades de representação do outro; avaliar o potencial significativo dessas representações; explicitar os possíveis avanços da composição dessas representações, abrangendo os aspectos cognitivos no processo de ensino/aprendizagem, que, por sua vez, envolve a disciplina escolar considerada modalidade de linguagem; e, por fim, identificar os possíveis avanços na produção de significados voltados à alteridade.

Para este artigo, selecionamos representações visuais com pessoas pretas das coleções de Geografia que compõem a amostra, que apresentaremos, com mais detalhes, em “Aportes teóricos”. Sendo assim, com o objetivo de contribuir para a compreensão de como representações visuais podem gerar espaços de convivência com o outro e mostrar facetas do processo de construção da identidade de pessoas pretas, apresentamos aspectos da gramática especulativa, parte da semiótica ou lógica peirceana; reflexões sobre as ideias de Mbembe³ e análise de representações visuais com pessoas pretas que constam nas coleções de livros de Geografia.

Seguem-se, inicialmente, os aportes teóricos.

2. APORTES TEÓRICOS: REPRESENTAÇÕES VISUAIS/SIGNOS

O estudo da imagem perpassa dois domínios: o primeiro é o domínio imaterial das imagens em nossas mentes que fica na esfera da fantasia, imaginação, sonho, esquema ou modelo; o segundo é o material, que remete a pinturas, gravuras, desenho, fotografia, imagens televisivas, cinematográficas, entre outras, sendo que os conceitos de representação e de signo são os unificadores dos dois domínios da imagem⁴.

Signo, no âmbito deste artigo, é visto na perspectiva da semiótica peirceana, que abarca todas as manifestações possíveis de linguagem. Importa enfatizar que, para ser signo na teoria peirceana, basta ser uma qualidade apreendida pelos sentidos: uma cor, um cheiro, um som...; basta ser algo que aja e reaja; até atingir a legitimidade ao representar, estar no lugar de e desencadear a progressão infinita de signos: a semiose. Cada um desses níveis obedece à lógica das categorias que sustenta todo o pensamento peirceano: a primeiridade, a secundidade e a terceiridade. Contudo, elas não são estanques: a secundidade (referencialidade) contém a primeiridade; a terceiridade contém ambas e as generaliza.

Para os propósitos deste artigo, valemo-nos da gramática especulativa, um dos ramos da semiótica ou lógica, que exhibe definições de signos e uma taxonomia que esclarece como se dá a ação dos signos na mente. O signo “representa” algo para a ideia que provoca ou modifica. Ou seja, é um veículo que comunica à mente algo do exterior. O ‘representado’ é o seu objeto; o comunicado,

3. MBEMBE, Achille. *Crítica da razão negra*. Lisboa: Antígona, 2018.

4. SANTAELLA, Lucia; NÖTH, Winfried. *Imagem: cognição, semiótica, mídia*. São Paulo: Iluminuras, 2020.

a significação, a ideia que provoca, o seu interpretante”⁵. Também privilegiaremos a classificação do signo em relação ao objeto, por ser a base utilizada por Santaella⁶ para sua classificação da linguagem visual, que é aqui contemplada.

Ancorado na primeiridade está o ícone, tipo de signo que é pura possibilidade, por isso aberto a interpretações. Por suscitar relações de semelhança com o objeto, ele apenas o sugere. A secundidade, categoria dos existentes, da ação/reação, do embate, abriga o índice. Segundo Peirce⁷, o índice

[...] se refere a seu objeto não tanto em virtude de uma similaridade ou analogia qualquer com ele, nem pelo fato de estar associado a caracteres gerais que esse objeto acontece ter, mas sim por estar numa conexão dinâmica (espacial inclusive) tanto com o objeto individual, por um lado, quanto, por outro lado, com os sentidos ou a memória da pessoa a quem serve de signo.

Já a categoria da terceiridade acolhe o terceiro tipo de relação entre signo e objeto. Nesta categoria estão os signos, segundo Santaella⁸, ligados à “generalidade, infinitude, continuidade, difusão, crescimento e inteligência. Mas a mais simples ideia de terceiridade é aquela de um signo ou representação”. Inseridos nessa categoria estão os símbolos, o objeto que ele representa é tão geral como ele próprio: uma ideia, um pensamento.

A linguagem visual – ou formas visuais representadas – ocupa o segundo lugar entre as matrizes de linguagem teorizadas por Santaella⁹. Por se corporificar em uma materialidade singular, predomina como secundidade. Mas a onipresença implica “examinar os graus de variação e os modos de articulação dos outros níveis sógnicos em relação àquele que é proeminente naquele tipo de linguagem”¹⁰. Foi observando a simultaneidade dos três níveis semióticos – iconicidade, indexicalidade e simbolicidade – que a autora edificou sua classificação das formas visuais: não representativas, figurativas e representativas. Delas lançaremos mão para a leitura das representações visuais.

Apresentado, de modo breve, o referencial teórico que constrói o olhar para as representações visuais, vejamos o que cabe às questões da razão negra.

3. APORTES TEÓRICOS: NEGRO/RAÇA

Para Mbembe¹¹, o Negro e a raça têm o mesmo significado nos imaginários das sociedades europeias, isso porque tais sociedades sempre abordaram a identidade não como copertencimento, mas sim na relação do mesmo com o mesmo, no seu próprio espelho. Ou ainda, “ambos representam duas figuras gêmeas do delírio que a modernidade produziu”¹². Isso implicou o fato de que “[...] ninguém – nem aqueles que o inventaram e nem os que foram englobados nesse nome – gostaria de ser um negro ou, na prática, de ser tratado como tal”¹³. A raça passou a funcionar como uma categoria original, material e também fantasmagórica que gerou, no decorrer dos séculos precedentes, devastações físicas, crimes e carnificinas.

5. PEIRCE, Charles Sanders. *Collected papers of Charles Sanders Peirce: principles of philosophy*. Cambridge: Harvard University Press, 1931. v. 1, CP 1.339.

6. SANTAELLA, Lucia. *Matrizes da linguagem e pensamento*: sonora, visual, verbal: aplicações na hipermídia. São Paulo: Iluminuras, 2001.

7. PEIRCE, Charles Sanders. *Collected papers of Charles Sanders Peirce: elements of logic*. Cambridge: Harvard University Press 1932. v. 2, CP 2.305.

8. SANTAELLA, Lucia. *O que é semiótica?* São Paulo: Brasiliense, 2012, p. 21.

9. SANTAELLA, Lucia. *Matrizes...* Op. cit.

10. *Ibidem*, p. 193.

11. MBEMBE, Achille. *Crítica...* Op. cit.

12. *Ibidem*, p. 12.

13. *Ibidem*, p. 13.

- Maria Ogécia Drigo, Luciana Coutinho Pagliarini de Souza e Maria Alzira de Almeida Pimenta

Ao reduzir o corpo e o ser vivo a uma questão de aparência, de pele ou de cor, outorgando a pele e à cor o estatuto de uma ficção de cariz biológico, os mundos euroamericanos em particular fizeram do Negro e da raça duas versões de uma única e mesma figura, a da loucura codificada¹⁴.

Esse movimento pode ser caracterizado por três facetas: a primeira se deu com a espoliação organizada do século XV ao XIX, quando homens e mulheres originários da África foram transformados em homens-objeto, homens-mercadoria e homens-moeda. A segunda corresponde ao acesso à escrita e tem início no final do século XVIII, quando, pelos seus próprios traços, os Negros, estes seres-capturados-pelos-outros, conseguiram articular uma linguagem para si, reivindicando o estatuto de sujeitos vivos desse mundo. E a terceira faceta, no século XXI, é determinada pela globalização dos mercados, a privatização do mundo sob a égide do neoliberalismo e do intrincado crescimento da economia financeira, do complexo militar pós-imperial e das tecnologias eletrônicas e digitais.

Assim, nossa convivência com tais figuras gêmeas envolve “uma extraordinária energia, ora como veículo de instintos inferiores e de forças caóticas, ora como signo luminoso da possibilidade de redenção do mundo e da vida num dia de transfiguração”¹⁵. Agora, não há como não pensarmos no Negro como “produto de uma máquina social e técnica indissociável do capitalismo, da sua emergência e globalização pode ser traduzido por exclusão, embrutecimento e degradação, ou seja, um limite sempre conjurado e abominado”¹⁶. Segundo Mbembe¹⁷, a raça, de um lado, leva ao que se apazigua com o ódio, que mantém o terror e que implica o alterocídio, ou seja, é aquilo que constitui o outro não como um semelhante, mas como um objeto do qual é preciso proteger-se, o que demanda eliminação para que assim seja garantido o controle total. Por outro, pode ser traduzido como ressentimento e irrepreensível desejo de vingança que germinou com a luta pela sujeição, pelos sofrimentos causados por injúrias e outros tipos de violações e humilhações. Isso se automatizou “a tal ponto que não se tornou apenas um ecrã para apreensão do sujeito, da sua vida e das condições de produção, mas ganhou uma força própria capaz de libertar de qualquer ligação à realidade”¹⁸, e o motivo de assim ser é a lei da raça.

A razão negra constituiu-se de múltiplas vozes, “enunciados e discursos, saberes, comentários e disparates, cujo objeto é a coisa ou as pessoas de ‘origem africana’ e aquilo que afirmamos ser o seu nome e a sua verdade (os seus atributos e qualidades, o seu destino e significações enquanto segmento empírico do mundo)”¹⁹. Tal razão data da Antiguidade, mas na Idade Moderna se consolida com as narrativas dos viajantes, dos exploradores e, em última instância, com uma ciência colonial, que visava ao africanismo. As sociedades eruditas, as exposições universais, as coleções de amadores de “arte primitiva” também contribuíram para transformar a razão negra numa espécie de senso comum.

Este sistema de narrativas e discursos codificou “as condições de surgimento e de manifestação da questão da raça, à qual chamaremos de Negro ou, mais tarde e já no tempo colonial, o Indígena”²⁰. Em tal contexto, tratava-se de

14. *Ibidem*, p. 13.

15. *Ibidem*, p. 20.

16. *Ibidem*, p. 21.

17. *Ibidem*.

18. *Ibidem*, p. 32.

19. *Ibidem*, p. 60.

20. *Ibidem*, p. 60.

esclarecer quem é o Negro, como identificá-lo, em que ele era diferente, como torná-lo semelhante e, por fim, como governá-lo para que ele alcançasse tal patamar. Tratava-se, portanto, de responder à questão “quem é?”, o que formaria a consciência ocidental do Negro:

[...] tanto um conjunto de discursos como de práticas – um trabalho cotidiano que consistiu em inventar, contar, repetir e pôr em circulação fórmulas, textos, rituais com o objetivo de fazer acontecer o Negro enquanto sujeito de raça e exterioridade selvagem, passível a tal respeito, de desqualificação moral e de instrumentalização prática²¹.

Com o tempo, a razão negra suscita outros questionamentos, colocados, agora, na primeira pessoa do singular: “‘Quem sou eu?’. ‘Serei eu, em boa verdade, quem dizem que eu sou?’. ‘Será verdade que não sou nada a não ser isto – a minha aparência, aquilo que se diz e se quer de mim?’. ‘Qual é o meu verdadeiro estado civil e histórico?’”²². As respostas a tais questões constituem uma declaração de identidade na qual “o Negro diz de si mesmo que é aquilo que não foi apreendido; aquele que não está onde se diz estar, e muito menos onde o procuramos, mas antes no lugar onde não é pensado”²³.

Essa fase requer arquivos que são indispensáveis para restituir a história. No entanto, os vestígios, no mais das vezes, não foram preservados. Restam, portanto, fragmentos de uma experiência também fragmentada, “a de um povo em pontilhado, lutando para se definir [...] como uma comunidade cujas manchas de sangue são visíveis em toda a modernidade”²⁴. Enfatiza também o autor que a declaração de identidade produz textos que se revelam ambíguos, pois ela precisa conjugar a estrutura de submissão presente na primeira fase e a escrita de luta que evoca, salva, ativa e (re)atualiza a tradição; ou a experiência originária, com a verdade de si, em seu próprio território.

Sendo assim, podemos ressaltar que há dois momentos, não necessariamente dissociados, no processo de construção de identidade do Negro. O primeiro, aquele que busca responder quem é o Negro; o segundo, aquele em que o Negro busca responder quem ele é.

As duas facetas do processo de construção da identidade apresentadas por Mbembe, em certa medida, vão ao encontro das reflexões de Hall²⁵ sobre o processo de construção da identidade cultural, ao esclarecer que as sociedades modernas passaram por uma mudança estrutural que fragmentou as paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade, enquanto, no passado, elas eram sólidas e permitiam a localização dos indivíduos sociais na cultura. Tais transformações abalaram as identidades pessoais, possivelmente modificando a ideia que temos de nós próprios como sujeitos, o que levou à perda de um “sentido de si” estável, movimento denominado deslocamento ou descentração do sujeito.

Ainda, Hall²⁶ propõe três concepções diferentes de identidade: a do sujeito do Iluminismo, a do sujeito sociológico e a do sujeito pós-moderno. O primeiro, em linhas gerais, “estava baseado numa concepção de pessoa humana como um

21. *Ibidem*, p. 61.

22. *Ibidem*, p. 62-63.

23. *Ibidem*, p. 62.

24. *Ibidem*, p. 63.

25. HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

26. *Ibidem*.

- Maria Ogécia Drigo, Luciana Coutinho Pagliarini de Souza e Maria Alzira de Almeida Pimenta

indivíduo totalmente centrado, unificado, dotado das capacidades de razão, de consciência e de ação”²⁷; o segundo, o sujeito sociológico, que, por sua vez, se constituía com uma espécie de “costura” do sujeito à estrutura, por meio da cultura. “O sujeito ainda tem um núcleo ou essência interior que é o ‘eu real’, mas este é formado e modificado num diálogo contínuo com os mundos culturais ‘exteriores’ e as identidades que esses mundos oferecem”²⁸. Esta talvez se aproxime da segunda faceta do processo de construção da identidade de pessoas pretas, conforme propõe Mbembe. Isso porque, ao dizer quem é, a pessoa não deixa de costurar a resposta a uma dinâmica da sociedade que envolve também o passado, a escravidão, no caso; e, ainda, essa faceta se dá numa seara de embates posta pela construção da identidade do sujeito pós-moderno, aquele que não tem uma identidade fixa, essencial ou permanente, pois “à medida que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam”²⁹, o mesmo se vê diante de “uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis”³⁰, com cada uma das quais ele poderia se identificar. Deste modo, as classificações de Hall tornam ainda mais complexo tal processo, na medida em que a construção da identidade do sujeito pós-moderno, além dos embates postos pela globalização, também tem resquícios dos processos de construção de identidades nacionais que reavivaram questões de raça, principalmente, sob aspectos peculiares.

Vejam-se as representações visuais com pessoas pretas estabelecem diálogos com as facetas propostas por Mbembe. Seguem-se as análises das representações visuais presentes nos livros didáticos, depois de complementos referentes aos aportes metodológicos.

4. APORTES METODOLÓGICOS

A amostra que compõe o corpus da pesquisa é estratificada e constituída por 30% das 68 coleções que constam no guia do Programa Nacional do Livro e do Material Didático (PNLD) 2020 – Ensino Fundamental II, o que corresponde a 23 coleções das disciplinas dessa fase do ensino básico (Quadro 1).

Selecionamos as coleções de Geografia para compor o *corpus* deste artigo, e o mesmo procedimento será realizado com coleções de outras disciplinas escolares da amostra. Aqui, a escolha de uma disciplina deve-se às dimensões do artigo. No Gráfico 1, mostramos a quantidade de representações visuais para cada coleção da amostra estratificada. Em média, são 1.394 representações visuais por coleção. A quantidade de representações visuais por modalidade está apresentada no Gráfico 2.

27. Ibidem, p. 10.

28. Ibidem, p. 11.

29. Ibidem, p. 13.

30. Ibidem, p. 13.

Quadro 1: Quantidade de coleções por disciplina para a amostra estratificada

Disciplina	Quantidade de coleções	Quantidade de coleções da amostra
Português	6	2
Ciências	12	4
Matemática	11	4
Inglês	9	3
Geografia	12	4
História	11	4
Artes	7	2
Total	68	23

Fonte: Elaborado pelas autoras.

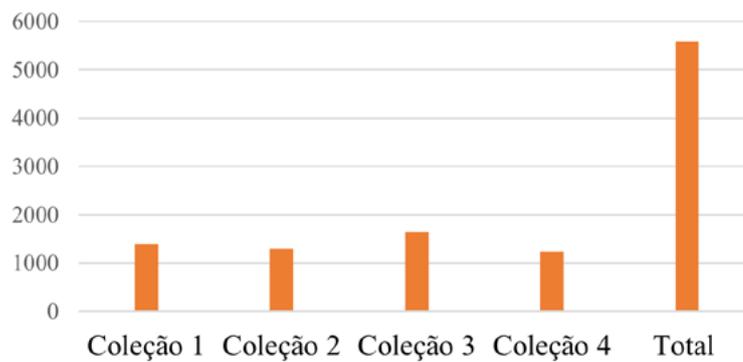


Gráfico 1: Quantidade de representações visuais por coleção de Geografia

Fonte: Elaborado pelas autoras.

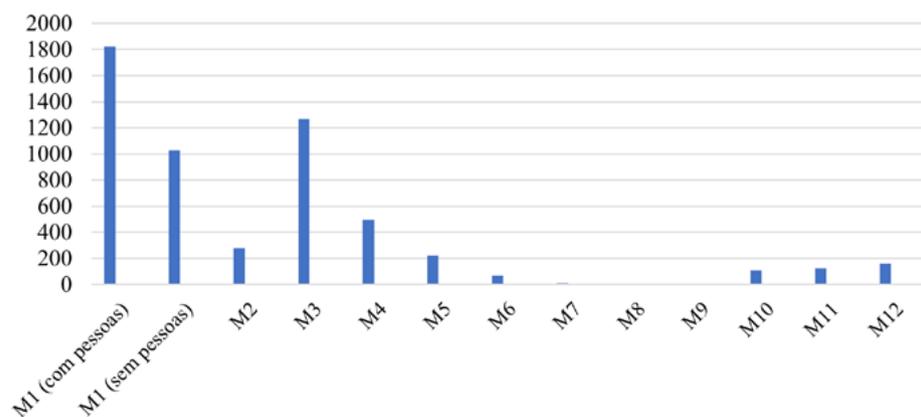


Gráfico 2: Quantidade de representações visuais por modalidade, nas quatro coleções de Geografia

M1: Fotografia; M2: Esquemas; M3: Mapa; M4: Gráficos; M5: Tabelas; M6: Quadro; M7: Diagrama; M8: Infográficos; M9: Retrato (retratos de cientistas, artistas, filósofos etc.); M10: Reprodução de obras de arte; M11: Reprodução de produtos midiáticos; e M12: Imagem digital.

Fonte: Elaborado pelas autoras.

- Maria Ogécia Drigo, Luciana Coutinho Pagliarini de Souza e Maria Alzira de Almeida Pimenta

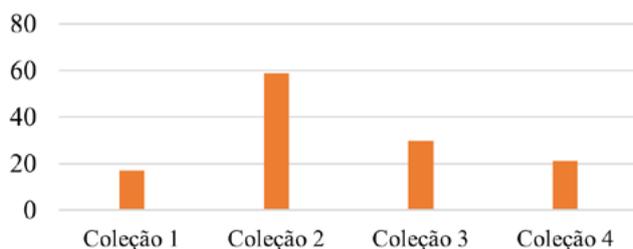


Gráfico 3: Representações visuais com pessoas pretas por coleção

Fonte: Elaborado pelas autoras.

A análise dessas representações envolveu duas etapas. Na primeira, averiguamos em que medida elas vão ao encontro das fases do processo de construção da identidade de pessoas pretas propostas por Mbembe³¹, sendo que, em uma delas, busca-se esclarecer quem é o Negro; em outra, busca-se o que o Negro diz de si mesmo, no lugar onde vive. Em seguida, para avaliarmos como se dá o pensamento, ou a cognição, envolvendo tais representações visuais, aplicamos a classificação proposta por Santaella³², a partir da gramática especulativa, para avaliar como preponderam os aspectos qualitativos, referenciais ou compartilhados por leis, para verificar os níveis de iconicidade, indexicalidade e simbolicidade nelas engendrados, o que permite classificar as formas visuais em não representativas, figurativas e representativas.

Por fim, a partir da observação das representações visuais com pessoas, estabelecemos outras categorias de análise, que sinalizam graus entre a xenofobia e a xenofilia envolvendo pessoas pretas. São três: 1) o outro; 2) modo de posicionamento em relação ao outro; e 3) gradação entre xenofobia e xenofilia. Cada uma dessas categorias, por sua vez, se subdivide para abarcar o potencial de sugerir, apresentar ou representar o outro. A primeira delas se subdivide em: a) visitante ou imigrante; b) originário de país central ou periférico; c) rico ou pobre; d) branco ou não; e) adulto ou não; f) masculino ou feminino; e g) integrado nas relações de trabalho ou não. A segunda se subdivide em: a) modos de posicionamento por contraste; b) por oposição, por heterogeneidade; c) por hierarquia; d) por dominação; e) por subordinação; f) por justaposição; g) por simetria; h) por equivalência; e i) por igualdade. A terceira se divide em: a) denigração; b) hostilidade; c) temor; d) suspeita; e) defensividade; f) segregacionismo; g) tolerância; h) solidariedade; i) cordialidade; j) hospitalidade; e k) admiração.

Apresentados os aportes teóricos e metodológicos, seguem-se as análises.

5. ANÁLISES DE REPRESENTAÇÕES VISUAIS COM PESSOAS PRETAS

Observando as representações visuais, constatamos que elas podem ser agrupadas seguindo as etapas do processo de construção de identidade do Negro.

31. MBEMBE, Achille. *Critica...* Op. cit.

32. SANTAELLA, Lucia. *Matrizes...* Op. cit.

Inicialmente, destacamos representações visuais com pessoas pretas que contribuem para reavivar a raça Negra (Figura 1).



Figura 1: Reavivando a raça Negra

Fonte: Elaborado pelas autoras a partir das representações visuais coletadas nas coleções de livros de Geografia.

São imagens já tornadas símbolo do período da escravidão no Brasil – litografias de Rugendas e Debret, pinturas de Benedito Calixto, entre outros. Acopladas ao texto, as representações visuais contribuem para resgatar a espoliação organizada quando, em proveito do tráfico atlântico, dos séculos XV ao XIX, homens e mulheres originários da África foram transformados em homens-objeto, homens-mercadoria e homens-moeda. Assim, a narrativa do Negro enquanto raça é reavivada, o que mantém em movimento a primeira etapa do processo de construção de identidade do Negro, à medida que responde à questão: “quem é?”. Agora, faz parte da tarefa de repetir, contar e pôr em circulação não mais para mostrar o Negro como sujeito de raça, mas para aguçá-la memória, recontar como isso ocorria.

As representações visuais – pinturas – exibem o Negro da plantation, homem que, para Mbembe³³, com sua força, coragem e mão de obra, permitiu a criação de uma das formas mais promissoras de acumular capital a seus

33. MBEMBE, Achille. *Crítica... Op. cit.*

- Maria Ogécia Drigo, Luciana Coutinho Pagliarini de Souza e Maria Alzira de Almeida Pimenta

senhores brancos da época, acelerou a integração do capitalismo mercantil, da mecanização e do controle do trabalho subordinado. O Negro e seus descendentes, na sociedade da plantation, eram meras mercadorias e servos em diferentes atividades. Eles foram “[...] escravo artesão, informante, doméstico, cozinheiro, liberto que se mantém no cativo, concubina, roceiro dedicado ao corte da cana, encarregado do engenho, operador de maquinaria, acompanhante de seu senhor e guerreiro ocasional”³⁴. A raça no regime colonial era vista, na verdade, “[...] enquanto princípio de poder, regra de sociabilidade e mecanismo de adestramento de condutas com vistas ao aumento da rentabilidade econômica”³⁵. “O escravo de origem africana, no Novo Mundo representava, assim, uma figura relativamente singular do negro, cuja especificidade era a de ser uma das engrenagens essenciais do processo de acumulação em escala mundial”³⁶.

No que concerne à natureza sónica e considerando a classificação da linguagem visual erigida por Santaella³⁷, as representações visuais da Figura 1 se aplicam às formas figurativas. Ao se distinguirem das formas não representativas – caracterizadas por serem despidas de referente – e das representativas – por se voltarem para além do visível –, as figurativas se revestem de referencialidade. Aproximam por semelhança o signo e seu objeto, envolvendo níveis que transitam da figura como qualidade que, mais que retratar, insinua o objeto; passam pela figura como registro que captura o mundo exterior com grande fidedignidade e chegam à figura como convenção.

As pinturas em foco, ao se reportarem a cenas inscritas num tempo histórico demarcado, tendem para o seu registro e, ao se submeterem aos materiais de que dispõem – tela, pincéis, aquarela, crayons –, reconstituem a história de maneira a tornar proeminentes as qualidades – cores, formas, texturas, o jogo de luz – na busca de apresentarem por semelhança. Inserem-se, assim, na modalidade das formas figurativas como registro: a conexão dinâmica em sua primeira submodalidade: o registro imitativo. Considerando estarem no espectro da arte, inscritas na primeiridade, em que os aspectos qualitativos ampliam possibilidades de interpretação ao prevalecerem nas formas visuais figurativas, o leitor/aprendiz dos livros didáticos pode ser levado a fazer conjeturas e rever o texto/contexto, o que é propício à cognição.

As imagens inscritas no próximo painel (Figura 2) sinalizam a luta das pessoas pretas na reivindicação do direito de serem pessoas, em dois contextos diversos. Ao resgatarem manifestações ocorridas nos Estados Unidos em 1963, ocasião em que o líder do Movimento pelos Direitos Civis, Martin Luther King Jr., proferiu o famoso discurso “Eu tenho um sonho” para mais de 200 mil pessoas, as imagens atualizam o ato de protesto contra crenças cristalizadas em relação ao negro enquanto sujeito de raça.

34. *Ibidem*, p. 44.

35. *Ibidem*, p. 148.

36. *Ibidem*, p. 94.

37. SANTAELLA, Lucia. *Matrizes... Op. cit.*

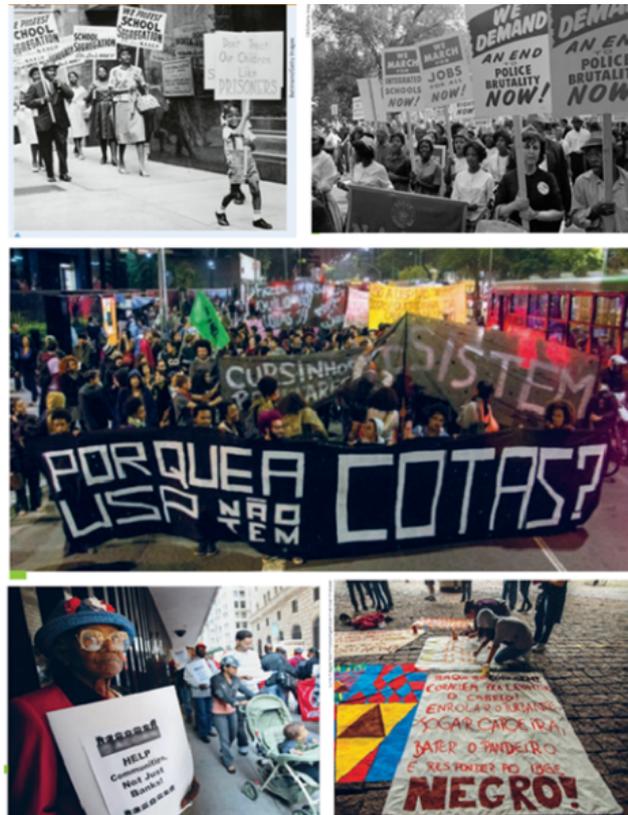


Figura 2: O Negro que diz de si...

Fonte: Elaborado pelas autoras a partir das representações visuais coletadas nas coleções de livros de Geografia.

O outro contexto recupera manifestações ocorridas em São Paulo (2016 e 2017) e imprime o clamor de um povo por um lugar digno, seja nas universidades públicas via cotas; seja, reiteradamente, pelo reconhecimento da identidade: “Temos que ter coragem! Coragem para levantar o cabelo, enrolar o turbante, jogar capoeira, bater o pandeiro e responder ao IBGE: NEGRO”, como visto no cartaz. São os apelos do século XXI que impelem “à globalização dos mercados, à privatização do mundo sob a égide do neoliberalismo e do intrincado crescimento da economia financeira, do complexo militar pós-imperial e das tecnologias eletrônicas e digitais”³⁸ e exigem posicionamento. Ao trazer essas fotografias, o livro didático, em certa medida, contempla outra fase do processo de construção da identidade do Negro, aquele em que o Negro diz quem é, fala de si mesmo.

As representações visuais da Figura 2, conforme a classificação de Santaella³⁹, se inserem na modalidade das formas figurativas como registro: a conexão dinâmica, mas não mais na primeira submodalidade registro imitativo, cujas qualidades das pinturas mantinham aderência com a primeira categoria. Trata-se de fotografias, expressão mais pura da indexicalidade, e o registro físico passa a ser a submodalidade em que a natureza desse signo encontra sua conformação signífica na secundidade das formas visuais, pois determinada pelo objeto num

38. MBEMBE, Achille. *Critica...* Op. cit., p. 15.

39. SANTAELLA, Lucia. *Matrizes...* Op. cit.

Espaços de coexistência, identidade de pessoas pretas e representações visuais

- Maria Ogécia Drigo, Luciana Coutinho Pagliarini de Souza e Maria Alzira de Almeida Pimenta

dados tempo e espaço. As fotos da Figura 2 são registros do real no tempo em que ocorreram. Retratam momentos da resistência do povo preto e contam com a linguagem verbal para a composição dos sentidos. Palavra e imagem complementam-se, contribuem cada qual com seu potencial midiático e tornam a mensagem ainda mais precisa e significativa na representação da resistência. Fotografias também compõem a Figura 3.



Figura 3: Líderes na luta pelos direitos de pessoas pretas

Fonte: Elaborado pelas autoras a partir das representações visuais coletadas nas coleções de livros de Geografia.

Representam personalidades notórias que se tornaram símbolos da luta pelos direitos das pessoas pretas – Nelson Mandela, Martin Luther King Jr., Barack Obama – mas, agora, trazem, para além da imitação e do registro característicos da classificação das formas figurativas até então contempladas, a exigência de um conhecimento do objeto que permita entender o que vai além do que foi capturado na foto. Essa demanda do processo interpretativo transfere essas fotos para a terceira submodalidade das formas figurativas: o registro por convenção, nível de interpretação que tem o potencial de levar adiante a semiose ou o processo de produção de signos. Alcançar esse nível requer apreender significados que estão além das imagens, requer fazer articulações que possam dar continuidade ao conhecimento da causa, a reflexões sobre ela, sem impor um término para o processo de produção de significados. Aqui, a palavra se faz complemento necessário para o intérprete/aprendiz não familiarizado com o tema, demanda que os livros didáticos em questão buscam suprir.

Por fim, a África. A Figura 4 recolhe dos livros didáticos um retrato da África traduzida como miséria.



Figura 4: África/realidade

Fonte: Elaborado pelas autoras a partir das representações visuais coletadas nas coleções de livros de Geografia.

Os termos Negro e África estão atados, tanto que os valores atribuídos a um ou ao outro se movem entre eles, a ponto de se confundirem. A África é “uma forma de interrogar politicamente a dureza, a secura e a rugosidade da vida, ou então as formas visíveis, porém opacas e cegas, que a morte acabou assumindo no trato contemporâneo entre os vivos. [...] algumas das mais imundas realidades [...], um escândalo da humanidade”⁴⁰.

Na Figura 4, a fotografia como registro físico captura a miséria. Mas a maneira como essa captura se dá faz com que o diálogo entre figura e fundo, na representação visual, se apresente discrepante. O fundo, representativo de um contexto sóbrio e que tem como qualidades predominantes cores acinzentadas, formas retangulares e longilíneas tem como contraponto o colorido da figura. Além da cor, do movimento e do dinamismo que convocam à alegria, à disposição de caminhar adiante, as qualidades, mais uma vez, ganham espaço nessas representações e criam uma ambiência favorável para que a relação da África com a miséria seja amenizada.

40. MBEMBE, Achille. *Crítica...* Op. cit., p. 104.

Espaços de coexistência, identidade de pessoas pretas e representações visuais

- Maria Ogécia Drigo, Luciana Coutinho Pagliarini de Souza e Maria Alzira de Almeida Pimenta

O outro presente nas representações visuais exibidas nas figuras 5 e 6 são as pessoas pretas que vivem na África ou as que fogem dela, refugiadas em campos de concentração, em países que não os da sua origem ou aglomeradas em fronteiras de países da Europa.



Figura 5: Testemunhos de xenofobia e xenofilia contra pessoas pretas

Fonte: Elaborado pelas autoras a partir das representações visuais coletadas nas coleções de livros de Geografia.



Figura 6: A África em diáspora

Fonte: Elaborado pelas autoras a partir das representações visuais coletadas nas coleções de livros de Geografia.

Todas se encontram em posição de subordinação e reafirmam diferentes graus de segregacionismo, se não do presente, do passado. Em ambas as figuras, a dimensão da fotografia como registro físico é a predominante e, enquanto tal, captura o real para sua materialidade signíca. Na Figura 5, há registros de xenofobia contextualizados em pleno Apartheid (1976) e de xenofilia, com representações visuais que testemunham resultados de políticas que objetivam dirimir as diferenças na África. Já na Figura 6, a xenofobia é escancarada nas representações de africanos em campos de refugiados e em fuga: crianças brincando em campo de refugiados tutsis fugidos de Ruanda (1994), acampamento de sudaneses desabrigados na região de N'Djamena (Chade, 2014) e refugiados em Nantes (França, 2018) enfrentam o preconceito e a intolerância em diversos países do continente europeu.

Manifesta-se novamente, em meio à comoção que o contexto impõe, sobretudo na Figura 6, a discrepância. Considerando a vivacidade das cores, a leveza dada pelos movimentos das crianças e a proximidade espontânea ou imposta pela circunstância da fuga/ajuntamento, as representações visuais atenuam o peso dessa diáspora. Com isso, em vez de minimizar, pode contribuir para que o leitor/aprendiz compreenda os deslocamentos de massas populacionais originárias e assim acolher o outro. Entre as fotografias, graus de xenofobia se sobrepõem à xenofilia, que vem à baila mais pela sugestão ou por nuances trazidas pelas cores, formas e justaposição do que, propriamente, pelos registros de tolerância, solidariedade ou admiração.

Um grau de xenofilia passível de incitar a acolhida ao outro, a convivência de diferentes, pode ser vislumbrada em interpretações dos murais exibidos na Figura 7.



Figura 7: Pessoas pretas visíveis com a arte

Fonte: Elaborado pelas autoras a partir das representações visuais coletadas nas coleções de livros de Geografia.

- Maria Ogécia Drigo, Luciana Coutinho Pagliarini de Souza e Maria Alzira de Almeida Pimenta

É no mural do artista brasileiro Kobra – *Somos muitos* –, exposto nos Estados Unidos (Austin), que a xenofilia se torna significativa por propiciar uma (re)leitura das pessoas pretas como figuras da qualidade. O vínculo com a primeiridade reforça, por meio dos jogos de formas, cores e dimensão e da posição que pessoas pretas ocupam no mural, a resistência à subalternização decorrente da racialização. A hipótese de que os aspectos qualitativos dessa representação visual dialogam com o ideal do Negro enquanto sujeito de raça faz com que “uma participação plena e inteira na história empírica da liberdade”⁴¹ torne mais forte a consciência negra do Negro. Nele, a diversidade vem numa explosão de cores e justaposição de formas. Como num tríptico, o rosto das pessoas pretas ocupa a parte central entre as partes de dois outros rostos. Enquanto o rosto negro se apresenta inteiro, o das pessoas de outras etnias aparece pela metade, mas se complementa no rosto da pessoa preta em destaque, ao compartilhar seu “olho”. Elas veem a partir do olho desse outro. Esse pensamento remete ao estrangeiro, concebido como outro. “Viver com o outro, com o estrangeiro, confronta-nos com a possibilidade ou não de *ser um outro*. Não se trata simplesmente, no sentido humanista, de nossa aptidão em aceitar o outro, mas de estar em seu lugar – o que equivale a pensar sobre si e se fazer outro para si mesmo”⁴².

Assim, a sugestão proposta pela montagem nesse painel, de estar no lugar do outro, experimentar o mundo vivenciado pelo outro, sentir como sente o outro e “se fazer outro para si mesmo”, traz para o leitor/aprendiz uma visão distinta das representações visuais de até então. O Negro nesse mural passa a existir como pessoa: sua visão de mundo é respeitada e partilhada por outras pessoas, de outras etnias e a explosão de cores e formas geométricas em todas as partes desses trípticos materializa a ideia de igualdade, o que contribui para a concretização da segunda etapa do processo de construção da identidade de pessoas pretas.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As representações visuais de pessoas pretas presentes nas quatro coleções de Geografia do ensino fundamental II, entre as constantes no PNL D 2020, de um lado, trouxeram um cenário que dialoga com o pensamento de Mbembe, na medida em que contemplam as facetas do processo de construção da identidade de pessoas pretas, quer seja reavivando as experiências do negro enquanto sujeito de raça, quer seja mostrando-o como aquele que busca falar de si mesmo, no lugar em que vive. O segundo momento do processo de construção da identidade do Negro, quando ele cria laços de pertencimento com o lugar em que vive, tanto coloca em discussão a resistência negra à escravidão quanto privilegia as pessoas pretas como protagonistas no meio em que vivem. Isso ocorre sem que se abandone as imagens produzidas por Debret ou Rugendas, que associavam o Negro a uma mercadoria, um objeto, uma vez que elas podem dar subsídios para tal discussão.

41. Ibidem, p. 61.

42. KRISTEVA, Julia. *Estrangeiros para nós mesmos*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994, p. 21.

No entanto, não há avanços no sentido de reconstruir a imagem da África e os aspectos qualitativos do vínculo África/Negro, uma vez que preponderam representações em que esse binômio – um só nome, na perspectiva de Mbembe –, é traduzido em miséria, diáspora. Por outro lado, as representações visuais com pessoas pretas não constroem uma ambiência que sinaliza a xenofilia, tanto pela pequena quantidade como pela composição delas, que não colocam os diferentes em cena, exceto o mural do artista brasileiro Kobra. Também o excesso de representações visuais – fotografias como registros, como testemunhos – não incita a cognição, uma vez que, enquanto signos, seus efeitos preponderam na seara da constatação, o que não é tão favorável à continuidade da semiose.

Diante desse resultado, ainda não estamos vislumbrando um tratamento dado à representação de pessoas pretas pelos livros didáticos de Geografia com potencial para gerar espaços de convivência. No entanto, eles são profícuos por dar visibilidade às pessoas pretas, agora capazes de falar de si mesmas e de pôr em movimento suas ideias sobre as lutas do passado e do presente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CITELLI, Adilson. Comunicação e educação: convergências comunicativas. **Comunicação, Mídia e Consumo**, São Paulo, v. 7, n. 19, p. 68-85, 2010.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001
- KRISTEVA, Julia. **Estrangeiros para nós mesmos**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.
- MARTÍN-BARBERO, Jesús. **A comunicação na educação**. São Paulo: Contexto, 2014.
- MBEMBE, Achille. **Crítica da razão negra**. Lisboa: Antígona, 2018.
- PEIRCE, Charles Sanders. **Collected papers of Charles Sanders Peirce: principles of philosophy**. Cambridge: Harvard University Press, 1931. v. 1.
- PEIRCE, Charles Sanders. **Collected papers of Charles Sanders Peirce: elements of logic**. Cambridge: Harvard University Press, 1932. v. 2.
- SANTAELLA, Lucia. **Matrizes da linguagem e pensamento: sonora, visual, verbal: aplicações na hipermídia**. São Paulo: Iluminuras, 2001.
- SANTAELLA, Lucia. **O que é semiótica?** São Paulo: Brasiliense, 2012.
- SANTAELLA, Lucia; NÖTH, Winfried. **Imagem: cognição, semiótica, mídia**. São Paulo: Iluminuras, 2020.